

Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB): relato da primeira etapa da pesquisa¹

Bruna Minervino BOMTEMPO²

Dione Oliveira MOURA³

Valmir Teixeira de ARAÚJO⁴

Ingrid Cândido de ARAÚJO⁵

Luana Martins Ferreira do PRADO⁶

Angel Okhaigboje IKPEA⁷

Anna Beatriz Araújo Maciel dos SANTOS⁸

Natiele Martins de ALMEIDA⁹

Lucas Maia Santos do NASCIMENTO¹⁰

Bruna Ferreira Rosa LESSA¹¹

Isabela Ribeiro LUDUVICHACK¹²

Julia Chaves NASCIMENTO¹³

Ana Beatriz Santos COELHO¹⁴

Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

O trabalho apresenta resultados da primeira etapa da pesquisa Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB), desenvolvida como resultado do Projeto Cartas para o Amanhã, da Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB). A partir de uma contextualização conceitual da mídia negra, desenvolvemos um estudo exploratório para desenvolver a versão piloto do MMNB. Nessa versão piloto, observamos, sobretudo, informações sobre o ano de criação, localidade e identificação do gênero dos/das

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Negro, evento do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

²Estudante de graduação, 9º semestre de Publicidade e Propaganda na FAC-UnB. Pesquisadora graduanda do subprojeto de pesquisa Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB). e-mail: bruna@bomtempo.com

³Professora Titular da FAC-UnB. Coordenadora do Projeto Cartas para o Amanhã e Coordenadora do subprojeto de pesquisa Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB). Bolsista PQ2 do CNPq. E-mail: dioneoliveiramoura@gmail.com

⁴ Professor do curso de Jornalismo da FAC-UnB e Vice-Coordenador do subprojeto de pesquisa Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB). e-mail: valmircomunica@gmail.com

⁵Estudante de graduação, 7º semestre de ComOrg na FAC-UnB. Pesquisadora graduanda do subprojeto de pesquisa Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB)e-mail: ingridcandido80@gmail.com

⁶Estudante de graduação, 7º semestre de ComOrg na FAC-UnB. Pesquisadora graduanda do subprojeto de pesquisa Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB) e-mail: luanamartinsp0109@gmail.com

⁷Estudante de graduação, 1º semestre de Jornalismo na FAC-UnB. Pesquisadora graduanda do subprojeto de pesquisa Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB)e-mail: angelikpea7@gmail.com

⁸Estudante de graduação, 9º semestre de Jornalismo na FAC-UnB. Pesquisadora graduanda do subprojeto de pesquisa Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB)e-mail: anna.ams18@gmail.com

⁹Estudante de graduação, 8º semestre do curso de ComOrg na FAC-UnB. Pesquisadora graduanda do subprojeto de pesquisa Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB)e-mail: natiele.a@hotmail.com

¹⁰Estudante de graduação, 8º semestre de Audiovisual na FAC-UnB. Pesquisadora graduanda do subprojeto de pesquisa Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB)e-mail: lucas.nascimento_20aud@fac.unb.br

¹¹Estudante de graduação, 7º semestre do curso de ComOrg na FAC-UnB. Pesquisadora graduanda do subprojeto de pesquisa Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB)e-mail: contatobrunaf@outlook.com

¹²Estudante de graduação, 1º semestre do curso de Jornalismo na FAC-UnB. Pesquisadora graduanda do subprojeto de pesquisa Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB)e-mail: isaluduvichack@gmail.com

¹³Estudante de graduação, 5º semestre de ComOrg na FAC-UnB. Pesquisadora graduanda do subprojeto de pesquisa Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB) e-mail: juliachaves.digital@gmail.com

¹⁴Estudante de graduação, 5º semestre do curso de ComOrg na FAC-UnB. e Pesquisadora graduanda do subprojeto de pesquisa Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB)-mail: anabeatrizs_coelho@hotmail.com

criadores/as das mídias (para fins de registrar a presença de mulheres negras comunicadoras). Assim, concluímos que a mídia negra, nesse mapeamento que fizemos da versão piloto do MMNB, é uma mídia eminentemente antirracista e com liderança de mulheres negras comunicadoras. O aprofundamento do estudo permitirá mais análises sobre a mídia negra.

Palavras-Chave: Mídia Negra; Comunicação Antirracista, Racismo; Mapeamento; Cartas para o Amanhã

INTRODUÇÃO

Com as redes sociais, e, sobretudo, com os movimentos negros, multiplicaram-se as experiências de canais de comunicação comprometidos com a luta antirracista. Em estudos anteriores (Moura, Figueiredo, Nunes, 2014), levantamos a hipótese de que as redes sociais reduziriam o esquecimento e invisibilidade das comunidades negra, indígena e outras populações minorizadas. Nessa última década, desde essa publicação de 2014, temos desdobrado estudos em busca de compreender se, de fato, as mídias sociais representam um espaço de redução do esquecimento coletivo e se as mulheres comunicadoras negras têm ocupado um papel específico nesse processo (Moura e Costa, 2018; Moura, 2019), assim como nos estudos sobre a imprensa negra (Teixeira, 2021). Nesse sentido, o presente subprojeto MMPB soma na investigação e é um resultado construído coletivamente com professores e estudantes de graduação que integram o projeto *Cartas para o Amanhã* da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB), vinculado a pesquisa integrada da autora Dione Moura junto ao CNPq¹⁵.

No semestre 1/2024, demos início à construção do Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB) e apresentamos, no presente trabalho, parte dos resultados desse mapeamento que tem como foco principal a análise da localidade (estado e região), ano de criação, seguimento e gênero dos proponentes dos canais que foram levantados aqui. Para tanto, uma breve contextualização conceitual dos termos utilizados foi apresentada a partir de

¹⁵ Projeto de Pesquisa registrado CNPq “As Comissões de Igualdade Racial (Cojira) dos Sindicatos dos Jornalistas: perfil e atuação das jornalistas negras por meio das comissões Cojira e a feminização do jornalismo” – Autora e Coordenadora da Pesquisa: Dione Oliveira Moura. A pesquisa tem sido desenvolvida, de forma integrada, envolvendo subprojetos com graduandas/graduandos, pós-graduandas/pós-graduandos, bolsistas de PIBIC, estágio supervisionado de pós-doc e docentes colaboradores, a exemplo do subprojeto MMNB, aqui apresentado, e que integra o Projeto geral registrado no CNPq.

uma pesquisa bibliográfica e foram identificados resultados preliminares a partir de um estudo exploratório que será ampliado e atualizado posteriormente.

MÍDIA NEGRA E COMUNICAÇÃO ANTIRRACISTA

Importante e necessária, a discussão sobre a comunicação antirracista, num país com histórico escravocrata como o Brasil, aponta perpetuação do racismo através da mídia tradicional. Os meios de comunicação tiveram um papel decisivo para a construção de uma sociedade racista e o êxito da luta pela inversão dessa lógica precisa contar com uma comunicação antirracista.

Para se discutir racismo no Brasil importa pensar que o processo de colonização com bases de mão-de-obra dos povos indígenas e africanos partiram de um ideário filosófico que definiram o homem branco europeu como “universal” (ALMEIDA, 2018. p.20). Essa ideologia sustentou por séculos (e para alguns até hoje sustenta) a naturalização do racismo.

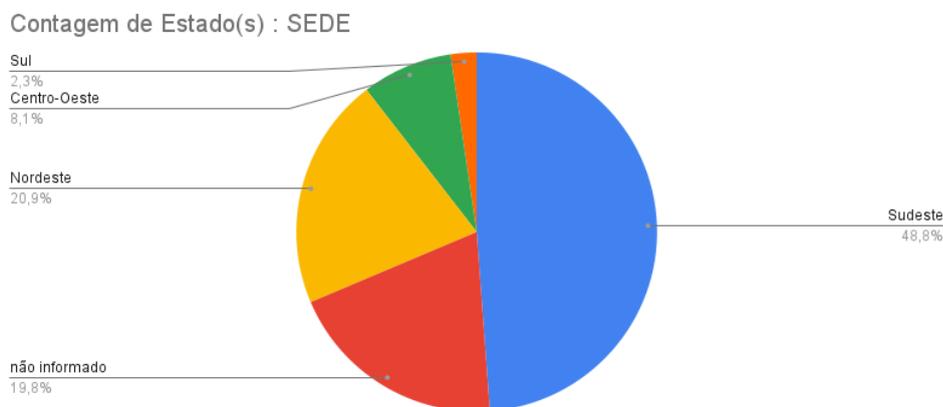
Importa compreender a comunicação antirracista como aquela que desafia e busca combater o racismo, assim como promover a igualdade racial. Ao observar os meios de comunicação podemos pensar na atuação da mídia brasileira ao longo da história e convergir para o que Sodré (2015, p.278) denomina como “racismo midiático”, com a estereotipação dos aspectos identitários de origem negra/africana em manifestações culturais específicas (enquanto o branco é o ser plural). Assim, destacamos a importância da mídia negra enquanto ferramenta crucial na luta contra a discriminação racial, destacando sua importância frente a articulação do racismo (Pinto, 2006).

Nesse sentido, Gonzalez (2020, p.34) descreve o racismo enquanto articulação ideológica e conjunto de práticas que fazem “a reprodução dos lugares das classes” e a “produção dos atores e sua distribuição entre esses lugares”. Podemos destacar ainda autores como Moura (2014, p.249) que qualifica a mídia negra como portadora de uma “linguagem alternativa”, assim como Bastide (1983) alerta que a imprensa negra nasce com uma função de protesto.

MAPEAMENTO DA MÍDIA NEGRA BRASILEIRA

Na versão piloto do MMNB, nossa equipe de pesquisa coletou 13 indicadores acerca de cada um dos 82 veículos de mídia negra identificados (nome da empresa, segmento

de atuação, data de sua última publicação ou atualização, nome de seus fundadores, mídias sociais, formas de contato, links principais de consulta e abertura, a existência de podcast relativo e o texto auto descritivo do veículo). Além destes dados, o Mapa define três importantes categorias: localidade do veículo (Estado e Região), a data de fundação, e o gênero dos fundadores - aspectos que apresentamos neste trabalho. A versão piloto do MMNB revelou uma predominância significativa da mídia negra no Sudeste, como podemos observar na Fig. 1.



Fonte: Elaboração dos autores

No sudeste, destaca-se a presença marcante em São Paulo, uma das mais conhecidas e populosas cidades do Brasil, no qual o *Alma Preta* emergiu como uma influência significativa no cenário jornalístico. Na região Nordeste o destaque no MMNB foi o estado da Bahia, que tem a maior proporção da população negra no Brasil e abriga 14% da mídia negra. Na mídia baiana, destaca-se o *Portal Correio Nagô* como representante do Nordeste, registrando uma significativa presença negra.

No que tange às datas de criação das mídias identificadas, a versão piloto do MMNB observou que o século XX apresentou um crescimento tímido na abertura destas empresas e veículos, com apenas nove canais mapeados. Compreendeu-se, porém, que mais de 85% destes canais mantêm-se ativos atualmente. Na primeira década do século XXI, o crescimento do número de mídias negras não foi expressivo. Na versão piloto do MMNB, vemos que, a partir de 2010, a quantidade de mídia negra cresce significativamente, e acompanha o surgimento de blogs e agências de publicidade ligados a esta temática.

Em 2015, o MMNB observou a criação de oito novas mídias no mesmo ano, caracterizando o primeiro grande pico de abertura dessas organizações, no qual destacam-se a relevante agência de notícias *Alma Preta Jornalismo*. O Mapa identificou, dessa forma, a manutenção de um crescimento interessante, com um novo pico em 2019. Entre os anos de 2020 e 2023 esse crescimento não permaneceu, contudo, pôde-se observar o início da atribuição de questões de gênero à problemática. Em relação ao gênero, os dados parciais da versão piloto do MMNB mostraram uma participação ativa das mulheres na mídia negra, representando 40,2%, enquanto os homens representam 26,7%, o que confirma as pistas que nossos estudos têm buscado - o papel das comunicadoras negras nas mídias sociais e as mídias sociais como redução do esquecimento coletivo (Moura, Figueiredo, Nunes, 2014; Moura e Costa, 2018). Os casos em que o gênero não foi informado representam 19,8%, enquanto ambos os gêneros totalizam 14%. Percebemos como a participação ativa das mulheres ao longo da história caracteriza um desempenho significativo de papéis de liderança em movimentos sociais e de direitos civis, desde os dias da abolição da escravidão até os movimentos pelos direitos civis, confirmando hipóteses de trabalho sobre a importância das mulheres comunicadoras negras.

Este estudo nos permitiu considerar a expansão, o alcance e o impacto do trabalho desses canais de mídia negra por meios de plataformas digitais, com informações, análises e recursos sobre questões relacionadas à igualdade racial, de gênero e ao amplo espectro dos direitos humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que identificamos na versão piloto do MMNB, constatamos que a comunicação antirracista pode estar presente na comunicação institucional, comercial e no jornalismo e assim alcançar a opinião pública, contribui com a qualificação da discussão racial em um país marcado pelo racismo e suas mazelas, com um Estado que institucionalizou o racismo, seja pelas forças policiais, no judiciário, no acesso à educação de qualidade etc.

O MMNB, em sua versão piloto, permitiu-nos observar a predominância de veículos atuantes nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, sendo a região Sudeste a mais recorrente. Pontua-se também que a década de 2010 apresentou uma expansão

relevante da mídia negra no país, com oito novos veículos apenas no ano de 2015, o qual configurou-se como pico de novas empresas no mapeamento. Por fim, a questão de gênero consolida sua importância, ao passo que o MMNB releva que 39,5% dos fundadores dos veículos são mulheres. Assim, concluímos que a mídia negra, nesse mapeamento que fizemos da versão piloto do MMNB, é uma mídia eminentemente antirracista e com liderança de mulheres negras comunicadoras. O aprofundamento do estudo permitirá mais análises sobre a mídia negra.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural**. Letramento: Belo Horizonte, 2018.
- ARAÚJO, V. T. **O que é imprensa negra?** Diálogos sobre comunicação e negritude no Brasil. Florianópolis: Insular, 2021.
- BASTIDE, R. **A imprensa negra do estado de São Paulo**. In: Estudos afro-brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Orgs.). São Paulo, Zahar, 2020.
- MOURA, C. **Dialética radical do Brasil negro**. 2ª Ed. Anita: São Paulo, 2014. SODRÉ, M. Claros e escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil. 3ª ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2015.
- MOURA, D.; FIGUEIREDO, V.; NUNES, J.C. ; |Mídias sociais como plataformas contra o excesso de esquecimento coletivo. In: Medina, C.; MOURA, D.O.; GERALDES, E.; PEREIRA, F.H.; MEDINA, S.; ADGHIRNI, Z.L. **Jornalismo e Literatura: Aventuras da Memória**. Minho/Brasília: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho/Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, 2014.
- MOURA, Dione O. COSTA, H. M. R. . Mulheres jornalistas e o 'teto de vidro raça/gênero/classe' a tensionar a carreira das jornalistas negras brasileiras. In: AGUIAR, Leonel; SILVA, Marcos Paulo da; MARTINEZ, Mônica. (org.). **Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo**. 1. ed. São Paulo: Life Editora, 2018. p. 193-207.
- MOURA, Dione O. Excluídas dentre as excluídas: as jornalistas negras perante o teto de vidro gênero/raça/classe no processo de feminização do jornalismo no Brasil. In: BELISÁRIO, Kátia; MOURA, Dione O.; GUAZINA, Liziane S. (org.). **Gênero em pauta: Desconstruindo violências, construindo novos caminhos**. 1. ed. Curitiba: Appris Editora, 2019. p. 139-151.
- PINTO, A. F. M. **De pele escura e tinta preta: A Imprensa negra no Brasil do século XIX (1833 -1899)**. Dissertação de mestrado, em História, UNB. Brasília, 2006.
- SODRÉ, M. **Claros e escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil**. 3ª ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2015.